

# Alguns aspectos sobre crítica literária (2)

Por B. Xavier

**Publicamos hoje a parte segunda do artigo de B. Xavier sobre crítica literária. Depois de algumas considerações gerais e definição de conceitos o autor exemplifica, com base em material publicado na nossa imprensa, como (não) deve ser ou como insipidamente é a crítica que entre nós se faz.**

Bastam vezes, a crítica tem encaixado de forma desproporcionada estes três domínios. Não queremos sugerir que ela se deva inserir numa perspectiva totalizante, procurando abarcar todos eles pormenorizadamente num mesmo trabalho. Pretendemos, sim, propor uma análise e uma interpretação que atinjam aspectos específicos, para os quais são orientadas mas sem quebrar o equilíbrio, necessário, das diferentes componentes da unidade que é o texto literário.

Pensamos ter, agora, chegado o momento para dedicarmos a nossa atenção àquele dos dois factores fundamentais abonatórios da legitimidade da preocupação pela crítica, que colocamos em segundo lugar, ou seja, a ausência/escassez/qualidade da crítica, entre nós. Façamos primeiro uma distinção entre crítica e pretensão de crítica. De aqui se abre caminho para um novo posicionamento frente à questão: ausência da crítica e tendência para a proliferação da pretensão. Naturalmente, não examinaremos o que não existe, restamos, portanto, o trabalho de analisar aquilo que classificamos de pretensão. Porquê pretensão? Porque não sendo, intenta colocar-se no lugar de.

## ALGUNS EXEMPLOS

Em 1982, na revista «Tempo» de 15/8 é publicado o conto intitulado

«Isaura». Em 5/9, aparece uma «crítica» da autoria de Leonel Andrade que se nos afigura um objecto merecedor da nossa atenção. Trata-se de um trabalho marcado por uma nítida inconsistência. Nele se ditam sentenças sem o apoio de uma fundamentação coerente baseada numa leitura analítica do texto. Pensamos nós, que uma crítica deve apresentar, com rigor, os passos que levam a uma dada tomada de posição; passar sem eles, leva-nos a tomar essas posições como meras especulações ou impressões, desprovidas de qualquer ligação visível com o texto a que se referem. O mesmo trabalho entra depois numa confusão de conceitos quando pretende discutir se o texto pode ser considerado *conto*. Sem explicitar as razões que o levam a tal, decide que «conto, para nós, não é. Quanto muito seria uma narrativa (...), pois no conto entram outros artificios que o diferem da narrativa». (p. 54). Seria importante apresentar esses outros artificios, para começar, e, para acabar, saber que um *Conto* é um *Género do Modo Narrativo*. Não nos cabe entrar em mais pormenores, achamos ser suficiente a nossa exposição para identificar este tipo de trabalho como exemplo do que não deve ser a crítica literária, e temos mais.

Na sequência do artigo que acima analisámos, muitos textos se seguiram, muitos deles insurgindo-se con-

tra aquele. Apareceram mais como crítica da crítica do que como crítica do texto, contudo, alguns elementos podemos encontrar que revelam a atitude crítica em relação a ele.

«Quanto ao valor literário e ao preço da prosa do Sr. Mandlate: «o estilo é o próprio homem»; se o senhor Mandlate é assim tão baratuxo, o melhor será ajudá-lo a encarecer e para isso não vejo que se caminhe com sentenças tão categóricas que vão culminar com o plural majestático no seu último parágrafo» (5). Esta passagem de B. Marime, bem como estoutra de Nostradamus: «Apenas direi que não conheço o sr. H. Mandlate, que é a primeira vez que leio um trabalho seu e me parece ser a sua primeira produção. Pois não é que mal nasce a A. E. M. (o senhor Mandlate ainda não é um «escritor», mas pode vir a sê-lo) já se fazem propostas de «banimento»? (6) apontam para uma crítica suavizada em que os valores apresentados pelo texto sejam esquecidos, em nome de uma compaixão pelo escritor novo que, coitado, está a começar e como tal se lhe devem perdoar imperfeições. Não queremos subscrever a opinião de que o conto «Isaura» é de má qualidade — como se deve ter notado, não é ele o objecto do nosso trabalho, é-o sim a problemática da crítica. Queremos é deixar explícito que atitudes como as veiculadas naquelas passagens conduzem a um procedimento que dá ênfase ao autor, como pessoa, em detrimento da obra, acabando por assumir uma posição paternalista que, em nossa opinião, está longe de contribuir para a elevação da qualidade literária desse mesmo autor. É certo que os factores ligados ao contexto da emissão são



pertinentes, eles devem ser tomados em conta na altura da análise crítica mas nunca se devem substituir ao estudo da obra em si, aliás, factor primordial; eles aparecem como complemento dessa análise. «A juventude não precisa de piedade, mas de verdade» (7) e a crítica consistente é verdade.

Outras tendências se revelaram: «A ISAURA de Humberto Mandlate, que muito o felicito pela iniciativa e oportunidade do assunto, acertou mesmo em cheio» (8); «Foi detectado corajosamente por um companheiro um problema social existente que carece de análise e reflexão. «Isaura» é um facto» (9). Eis-nos perante uma sobrevalorização dos aspectos temáticos inseridos no texto. Recordemos que na composição da obra literária entram diversos factores, uma leitura crítica deve contemplá-los de forma equilibrada. Uma realidade abordada só ganha dimensão literária quando, servindo de assunto ou tema, e em interacção com outros ele-

mentos integrantes do sistema literário, entra num texto literário. A realidade pode ser tema de um discurso político, jurídico, pode constituir matéria de uma reportagem jornalística, pode entrar num texto cinematográfico, etc., donde, a sua oportunidade ou valor não são só por si suficientes para uma análise ou uma tomada de posição quanto à qualidade estética de uma obra literária.

Ainda relacionado com o que acabamos de dizer, aparece-nos o texto «Um dedo na ferida» de João Kandyane Cândido que a dado passo afirma: «O que é importante no artigo do senhor Mandlate é o conteúdo e não a forma» (10) (o sublinhado é nosso). Temos um caso típico de arbitrariedade. Revela-se um total desconhecimento das bases em que assenta todo e qualquer acto de comunicação, sobretudo a comunicação estética. Haverá qualquer conteúdo não apresentado por uma forma? A forma é o meio de veicular um conteúdo e é pensável um conteúdo

não configurado por uma forma, são factas indissociáveis.

O desfile já vai longo, mas que fazer se ainda há matéria? Atente-se agora no artigo «Dar ânimo aos escritores» de Abdul Vahab Kassam (11). Revela uma tendência impressionista que consiste numa apresentação das impressões do «crítico» perante a obra, impressões essas que mais informam do leitor do que da obra! «A finalidade da crítica é o conhecimento racional da obra literária» (12). Dizer «fiquei muito atraído ...» não é mais do que contar a atmosfera emocional que o leitor experimentou perante a leitura, terá muito valor como curiosidade numa conversa particular mas não corresponde de modo nenhum a uma contribuição para o enriquecimento, nem da obra que se pretende criticar nem da disposição do leitor que a vai receber. Por outro lado, este artigo enferma de um outro defeito: a paráfrase. O texto pretensamente crítico conta o que o texto criticado conta, com certas desvantagens: por um lado porque repete o que já foi dito, por isso é inútil, e, por outro, porque está desapetrechado daquelas características que conferem ao texto artístico riqueza significativa. É, em suma, um procedimento estéril por não cumprir, de forma nenhuma, as funções de uma análise crítica.

## CRÍTICA AMBÍGUA

Para terminar, apontamos um outro defeito de que padece a nossa crítica: a falta de uma linguagem rigorosa, capaz de se referir de forma concisa, cristalina e coerente ao seu objecto. A crítica necessita de uma explicitação liberta de quaisquer ambiguidades, ela deve perseguir um ideal de objectividade que a torne merecedora da confiança que o seu lugar no campo literário lhe exige. Uma excessiva adjectivação, e nem sempre devidamente justificada, não é mais que um vício. Vejamos este excerto de «A arte de ser» de E. White (13): «Sempre achei surpreendente a poesia de Marcus Vinicius. Primeiro por ser ela portadora de uma intensa carga poética ...», que se entende por carga poética? E se se contrapôr que toda a poesia tem uma carga poética? Utilizar expressões vazias como esta não traz nada de novo à obra nem ao público. Como este excerto, vários exemplos se en-

contram no mesmo artigo: «... é de Vinicius o que vou ler e do poeta sobre o que vou reflectir». (14). Fica-nos a confusão: será que o crítico vai reflectir sobre algo diferente do que vai ler? Em que critérios se baseia a diferença entre Vinicius e o poeta? Admitimos a existência de uma clivagem entre o autor enquanto indivíduo empiricamente existente e o autor enquanto entidade teórica, apenas representada a nível textual, mas a não explicitação desses conceitos e o seu uso arbitrário semciam a confusão: E a confusão é tal que se torna difícil qualquer análise, só por meio de aproximações (que pecam por falta de rigor) se poderia tentar. Mas, renunciámos a esse mé-

todo e propomos clareza — via única para se atingir o público e para permitir exames. Do mesmo autor, com as mesmas características, chamamos a atenção para o artigo «Craveirinha, o imbondeiro da mafalala...» no n.º 4 da *Charrua*. Repare-se nesta passagem: Craveirinha usa *habilmente a estratégia da escrita*. Reduz as suas palavras em *suspeitos exercícios*, o que me levam a crer que há nisso tudo, uma ligeira cumplicidade entre ele e os seus poemas», ou nesta: «as imagens *demasiadamente carregadas de um poder estranhamente poético*...». São exemplos sugestivos de uma crítica ambígua, portanto, vazia se entendida na condição de crítica (15).

- 5 — Marime, Benedito, «Uma Opinião para 'debate'», in TEMPO de 19/9/82, p. 53.
- 6 — «Mais devagar», na mesma revista, p. 54.
- 7 — Eugénio de Andrade citado por L. C. Patraquim no seu artigo «A Literatura não vive como um canguru», in TEMPO de 22/3/81, p. 49.
- 8 — Faduco, Benjamim, «'Isaura' acertou em cheio...», in TEMPO de 19/9/82, p. 55.
- 9 — Mazzola, Sandro, «'Isaura' tema para reflexão...», in TEMPO de 3/10/82, p. 51.
- 10 — TEMPO de 10/10/82 p. 53.
- 11 — Ibidem
- 12 — Sena, Jorge de, op. cit. p. 139.
- 13 — CHARRUA n.º 2, p. 12.
- 14 — Ibidem.
- 15 — Sobre o discurso crítico cf. o ponto 3 do cap. 1 de C. Reis, op. cit.